

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINE DOS SANTOS SABINO

RELATÓRIO TÉCNICO DO ENSAIO FOTOGRÁFICO
A beleza escondida: um olhar atento ao bairro do Benedito Bentes

MACEIÓ-AL
2024

CAROLINE DOS SANTOS SABINO

RELATÓRIO TÉCNICO DO ENSAIO FOTOGRÁFICO
A beleza escondida: um olhar atento ao bairro do Benedito Bentes

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal de Alagoas como requisito para obtenção
do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Penna

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jone Sidney A. de Oliveira – CRB-4 – 1485

S116r Sabino, Caroline dos Santos
Relatório técnico do ensaio fotográfico a beleza escondida: um olhar atento ao bairro do Benedito Bentes / Caroline dos Santos Sabino. – 2024.
30 f. : il.

Orientador: Tiago Penna.
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 29-30.

1. Fotografia. 2. Memória. 3. Lugar - Benedito Bentes. I. Título.

CDU: 070(813.5)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família. À minha mãe por todo o suporte até aqui e por sempre ter feito o possível para que eu tivesse uma boa educação. Ao meu irmão, Felipe, por ser minha inspiração acadêmica e meu maior incentivador profissional. À minha irmã gêmea e melhor amiga, Camila, por ser meu porto seguro na vida.

Aos meus amigos. Ao Thallyson, por estar ao meu lado desde a infância e por sempre acreditar em mim. Ao Matheus, por todos os conselhos e palavras gentis quando eu mais precisei. Ao Rodolfo, pelo carinho que recebo até hoje e pela companhia nas longas idas e vindas no 903-Biu/Ufal. À Elen, Leila e Vitória pelo incentivo, pela companhia, pelos conselhos e por me ajudarem em projetos ao longo do curso. Ao Anderson, Josias e todos os companheiros de jogatina pelas inúmeras e longas chamadas e por todas as vezes que deixaram meus dias mais leves. Ao Jamerson e Dayvisson pelo coração nobre que possuem e todo auxílio e incentivo para que eu pudesse finalizar este ciclo.

Aos meus gatos, Clebinho, Tonico, Paulinho, Nina e Alberto, pelo apoio emocional e aconchego em dias difíceis.

Aos colegas da Ascom Ufal e Instituto Zumbi dos Palmares, pelas oportunidades de aprendizado na área da comunicação.

Aos colegas da minha turma, por sobrevivermos a uma graduação bastante atípica, passando por greves e uma pandemia juntos.

Ao meu orientador, Tiago Penna, por aceitar fazer parte deste trabalho e pela paciência, atenção, dedicação e suporte na construção dele.

À Universidade Federal de Alagoas, por me proporcionar ensino de qualidade, excelentes professores, grandes amigos, e por ser meu refúgio por tanto tempo.

RESUMO

Este relatório tem por objetivo relatar as experiências, metodologias e conteúdos teóricos aplicados na produção de um ensaio fotográfico que aborda a relação entre os moradores do Benedito Bentes e as memórias do cotidiano responsáveis por transformar o espaço em lugar ao aplicar-lhe significados, demonstrando, também, como a fotografia pode servir para eternizar a memória e, portanto, a história de um local. Para tanto, foram realizadas saídas fotográficas pelo bairro, nos meses de novembro de 2023 a janeiro de 2024, que resultaram numa seleção de 24 imagens, dispostas em um fotolivro.

Palavras-chave: fotografia; memória; lugar; Benedito Bentes.

ABSTRACT

The present work aims to report the experiences, methodologies and theoretical base applied in the production of a photographic essay that addresses the relationship between the residents of Benedito Bentes and the everyday memories responsible for transforming the space into a place by applying meanings to it, demonstrating, also, how photography can serve to immortalize the memory and, therefore, the history of a place. To this end, photographic trips were carried out around the neighborhood, from November 2023 to January 2024, which resulted in a selection of 24 images, arranged in a photobook.

Key words: photography; memory; place; Benedito Bentes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Trajeto percorrido na análise, em azul.....	22
Figura 2 -	"Racha" no campo de terra.....	23
Figura 3 -	Foto da Feirinha do Benedito Bentes antes da edição.....	25
Figura 4 -	Foto da Feirinha do Benedito Bentes depois da edição.....	25
Figura 5 -	Captura de tela do processo de diagramação do fotolivro no Adobe Illustrator.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JUSTIFICATIVA	10
3 OBJETIVOS	12
3.1 Gerais	12
3.2 Específicos	12
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4.1 O lugar: a periferia	13
4.2 A afetividade gerada através do cotidiano	14
4.3 Identidade e reconhecimento dos que pertencem ao lugar	15
4.4 Registrar as memórias do pedaço por meio da fotografia	16
4.5 Expressão de significados na fotografia	18
5 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	20
5.1 Pré-produção	20
5.2 Captação	22
5.3 Pós-produção	24
5.4 Cronograma de produção	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

O bairro do Benedito Bentes, na periferia de Maceió, é praticamente uma cidade. Projetado para abrigar 60 mil pessoas, hoje a estimativa é de que o local comporta mais de 200 mil, além de compreender o extenso perímetro urbano de quase 27 mil metros, com 80 logradouros, sendo várias avenidas e conjuntos habitacionais e grotas. Até já tramitou na Assembleia Legislativa do Estado um projeto de lei para transformá-lo num município, considerando sua imensidão. O projeto não prosperou, mas com um grande fluxo de pessoas, carros e comércio, o Benedito Bentes é um complexo urbano frenético, que praticamente tem vida própria e opera de maneira diferente do restante da cidade.

Os equipamentos públicos não acompanharam o desenvolvimento da região, o que deixou o território sucateado e a infraestrutura precária. O bairro ainda comporta o mesmo terminal integrado desde 1994. Como quase tudo do Benedito Bentes é de difícil acesso, os moradores tiveram que se adaptar e lidar com a separação do restante de Maceió. Hoje, o lugar conta com um comércio local diversificado integrado por supermercados, lojas e feiras. Além de suas próprias alternativas para lazer, saúde e educação, com parques, franquias médicas e redes de ensino relativamente grandes que nasceram e criaram forma apenas dentro do bairro. Agora, quem vive no “Biu” raramente precisa sair do complexo para resolver pendências.

Apesar de ser o maior e mais populoso bairro da cidade, a sensação de isolamento ao habitá-lo se faz presente. Locomover-se para outras partes da cidade é difícil e custoso, pois, muitas vezes, é preciso embarcar em dois ou quatro ônibus para chegar ao destino desejado, ou, então, optar por transportes irregulares de passageiros. A rotina de deslocamento ao trabalho ou faculdade se torna uma tarefa tão longa e cansativa quanto a que é realizada no local de chegada. Morar no Benedito Bentes é ter que encarar constantemente a sensação de exclusão e estar sempre em busca de alternativas para múltiplos obstáculos.

Desde o surgimento do bairro, há 37 anos, sua imagem tem sido associada à violência e falta de estrutura, alimentando a estigmatização de seus habitantes. E, apesar dessa realidade estar presente no cerne do bairro, isso não é somente, nem a maior parte do que o caracteriza. Assim como foram forçados a criar e alavancar o próprio comércio, quem é morador do Benedito também enxerga e cria vida dentro

dele. Provinda de sonhos, lembranças e afetos do coletivo: as reuniões na calçada, o churrasquinho, o "racha" de futebol no campo de terra batida, as decorações nas ruas em tempos de celebração e feriados, as reuniões nos bares em dia de clássico esportivo, o pôr do sol em um céu cheio de pipas, o local de descanso e aconchego depois de um dia cansativo. Há beleza e muito significado no dia a dia da comunidade e nas pequenas coisas. Conforme Palma:

um sentimento que talvez seja comum para muitos moradores e moradoras de bairros periféricos: um amor pelo lugar onde vive, mas um amor que pode se sentir deslegitimado – como amar o bairro pobre, espaço visto mais como um “problema social” do que como um lugar de afetos? (PALMA, 2020, s.p.)

Nesse contexto, pretende-se refletir, através de um ensaio fotográfico, a representação desse sentimento. Onde é possível encontrar beleza e pertencimento em um ambiente não tão propício para tal? E de quais formas essa beleza pode ser apresentada?

Propõe-se, também, explorar a fotografia de uma maneira que não apenas registre memórias, mas também externalize significados. Além de ampliar o conhecimento na área estudada, aplicando as técnicas e fundamentos da fotografia pesquisados. Como também explorar a proposta de pertencimento ao espaço periférico através do conceito de “pedaço”, de um espaço onde a comunidade se conhece como um todo a partir de suas especificidades e ações cotidianas.

2. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema e formato deste projeto vem de uma intenção de continuidade. O contato da autora do projeto com a fotografia iniciou-se ainda no ensino médio, por curiosidade própria, ao adquirir o primeiro smartphone. De forma instintiva, a necessidade de registrar o contexto ao qual estava inserida sempre esteve presente.

Apesar de já haver interesse pelo meio fotográfico, ele tornou-se instrumento de experimentações artísticas somente durante o processo de formação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas, através da disciplina de Fotojornalismo, que serviu como incentivo para investir em uma câmera fotográfica. Aprender a ajustar o foco e enquadramento, brincar com a entrada de luz, e criar uma maneira totalmente diferente de observar o objeto, montando um recorte de espaço e tempo e proporcionando novas formas de significá-lo, deixou claro como a fotografia é um meio de comunicação poderoso. Enquanto objeto artístico, é capaz de eternizar um recorte ao mesmo tempo em que propõe análise e reflexão.

Nessa mesma disciplina, foi realizado um ensaio fotográfico intitulado “Ofuscados pela luz do farol”, que tinha como objetivo representar, tendo como inspiração o poema “Planta de Maceió”, de Lêdo Ivo, a parte periférica da cidade através de um olhar da própria autora sobre seus arredores. Dando visibilidade às belezas visuais de uma localidade que não aparece nos tradicionais cartões postais de Maceió, que se limitam apenas à orla e aos bairros próximos a ela, retratados no poema. O título, aqui, faz uma alusão ao Farol da Ponta Verde.

Sob um ponto de vista individual sobre esse espaço, e de uma sensação muito específica em relação a ele, ali foi a primeira vez que se substanciou a possibilidade de externalizar significados às sensações que não eram capazes de serem descritas por palavras. Esse processo permitiu uma maneira diferente de observar o entorno e aguçou algumas percepções sobre o espaço urbano em que a autora nasceu, cresceu e está presente no deslocamento diário. Essa experiência inspirou a criação deste projeto, que pretende explorar mais a fundo o cotidiano simples e complexo, ao mesmo tempo, do bairro do Benedito Bentes.

Como diz Ian Haydn Smith, em seu livro *Breve história da fotografia*, “a fotografia pode ser um espelho do mundo ou se aprofundar, explorando a complexidade da psicologia e das emoções humanas” (2018, p. 6). Ou seja,

entende-se que é com a imagem que também podemos expressar texturas, sentimentos, emoções, narrativas e provocar inquietações no receptor da mensagem.

A fotografia também pode ser uma espécie de agente social capaz de transformar ou trazer mais para perto de determinado assunto o olhar do outro. Com sua persuasão positiva, estruturas sociais podem ser retratadas e modificadas, havendo uma sensibilização e debate sobre o que inquieta na sociedade.

Ainda de acordo com Smith, “a fotografia performática situa o tema em um ambiente específico para explorar questões que vão desde política e gênero à identidade pessoal e espaço social” (2018, p. 41). Isso quer dizer que a fotografia em si já se envereda pelo caminho da performance visual, já desperta no leitor/receptor/espectador uma consciência social e coletiva, o levando a entender melhor em que lugar ele ocupa, qual o contexto de sua existência e a sua condição humana.

A ideia é aprofundar e desenvolver ainda mais o formato de ensaio fotográfico aprendido durante a disciplina citada acima, mas com uma nova roupagem e um novo olhar para determinadas situações. O projeto tem o objetivo de abranger o Benedito Bentes, retratar a vivência de um bairro que pulsa intensamente diversas coisas, entre elas o tempo, assim como as relações sociais que o constituem.

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL:

Realizar um ensaio fotográfico apresentando o cotidiano periférico, indo além de um panorama estigmatizado de violência e desigualdade, pela perspectiva de quem o habita.

3.2. ESPECÍFICOS:

- Retratar o cotidiano no Benedito Bentes;
- Analisar como a fotografia pode ser utilizada como meio de registro e perpetuação das memórias de um lugar;
- Refletir sobre a relação entre os habitantes e o pertencimento ao local;
- Produzir uma reflexão sobre o tema através da disseminação do conteúdo.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 O lugar: a periferia

A origem da palavra lugar provém do latim locus, que significa "local", "lugar" ou "espaço". No senso comum, seu sentido geralmente é empregado para representar uma fatia de espaço físico, uma coordenada geográfica. Conforme relatam Azevedo e Olanda (2018), por muito tempo na ciência geográfica, a análise do lugar foi inicialmente descrita e categorizada apenas pela perspectiva de local, região e espaço, contudo, considerando as especificidades e a complexidade do mundo atual, os lugares não mais se limitam a essa análise. O lugar passa a ser considerado por diversas vertentes teóricas como a conexão do espaço com as relações sociais dos indivíduos ligados a ele. O lugar mostra-se, então, como um conceito essencial para a compreensão do valor atribuído a um determinado espaço. Como caracteriza Gonçalves (2007, p. 524):

Se o local é como um dado num sistema euclidiano de coordenadas, geralmente descrito quanto às suas características fisiológicas e índices socioeconômicos interessantes ou não à agentes externos a ele, o lugar não existe à priori, como um dado da natureza. Ele só existe em relação à sociedade. As representações de mundo de uma sociedade vão sendo construídas na produção de tudo que lhes confere materialidade e sentido que, reunidos no tempo e no espaço, transformam o local em lugar.

Por ser marcado pela pluralidade de experiências e memórias ligadas àqueles que ali pertencem, "cada lugar é, à sua maneira, o mundo", pois "a uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade", como afirma Santos (2006, p. 213). Nesse contexto, percebemos que à maneira que a globalidade se fortifica, ao invés de homogeneizar, ela evidencia as singularidades dos espaços geográficos, porque cada lugar carrega dinâmicas particulares.

Essas particularidades locais ficam explícitas nas diferenças de valores atribuídos a cada lugar devido às suas questões de cunho socioeconômico e de organização do território. Santos (2011, p. 192) atribui a uma "combinação de forças de mercado e decisões de governo" o posicionamento involuntário dos indivíduos em certos locais. Segundo Santos (apud GOMES, 2020, p. 4), esses fatores conduzem:

a uma seletividade maior na distribuição geográfica dos provedores de bens e de serviços, levados pelo império da competitividade a buscar, sob pena de seu próprio enfraquecimento, as localizações mais favoráveis (...) punindo, assim, as populações mais pobres, mais isoladas, mais dispersas e mais distantes dos grandes centros e dos centros produtivos.

Nessa citação, o autor exemplifica fatores exponenciais para o surgimento de periferias e da seleção das pessoas designadas à elas. Bem como define que o valor atribuído a uma pessoa enquanto produtor, consumidor e cidadão, também está atrelado ao seu lugar. Esse valor pode ser alterado para melhor ou para pior devido às diferenças de acessibilidade da região. Dessa forma, indivíduos com capacidades e formações semelhantes, receberão valores distintos com base no lugar de onde vêm. Portanto, nas periferias, “as oportunidades não são as mesmas” (SANTOS, 2011, p. 161). Por isso, as dinâmicas de convivência entre os que habitam a periferia são diferentes das dinâmicas de outros espaços.

4.2 A afetividade gerada através do cotidiano

Ao mesmo tempo que a origem do isolamento de algumas pessoas em espaços da cidade se dá pela disposição global deste, a disposição local estabelece os referenciais do cotidiano. Esses referenciais têm como parâmetros “a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade” (SANTOS, 2007, p. 231). Logo, o cotidiano é o responsável por tornar um indivíduo vinculado ao cerne daquilo que transforma um espaço em lugar.

Tais eventos fazem do lugar uma história em movimento. Santos (2005), define que é através do lugar que percebemos e obtemos nossa consciência de mundo, pois o lugar é a representação empírica do mundo. Ao passo que os espaços podem se modificar com o tempo, o lugar permanece presente, pois as relações humanas são históricas.

Conforme a passagem dos anos, as marcas deixadas pelas conexões existentes desenvolvem relações de afeto do sujeito com o espaço que habita. Essas relações podem ficar mais fortes ao passo que a vivência se estende e acrescenta mais significados ao lugar. Ao participar ativamente de momentos carregados de sentimentos nas convivências sociais, as marcas e significados

convertem os momentos em memórias. As memórias, por sua vez, criam vínculos e acentuam o afeto do homem pelo lugar. Segundo Lima e Santos (2020, p. 281):

A ocupação de determinado espaço provoca no homem um conjunto de vínculos que tornam esse lugar, uma porção do espaço que para este ser tenha mais valor que outras partes, pelo simples fato da afetividade concebida entre ambos [...], onde o homem sente que é parte do lugar e que o lugar é parte dele também.

Lima e Santos (2020) defendem que, por meio do processo de memorização dos afetos, é proporcionado um “processo histórico e cultural”, que permite aos futuros habitantes o acesso ao conhecimento da história do lugar. Na opinião de Motta (2003), os humanos encontram seu lugar no mundo através da construção do dia a dia, na busca por sobreviver, aprender e ter prazer, nos elos feitos com os ambientes e os habitantes. Nesse sentido, o cotidiano permite ao indivíduo transitar coletivamente pelo presente enquanto é rodeado pelas marcas deixadas pelas vivências de outras pessoas que estiveram ali anteriormente.

4.3 Identidade e reconhecimento dos que pertencem ao lugar

Conforme explicado previamente, por meio do estabelecimento de vínculos afetivos e do processo de assimilação cultural do ambiente, o indivíduo, ao captar e introduzir características no ambiente em que reside, delimita sua própria identidade vinculada a um determinado lugar (LIMA E SANTOS, 2020). E é a partir dos hábitos, costumes e estilo de vida particulares de uma pessoa que é possível reconhecer o lugar ao qual ela pertence.

Para explicar o sentido de pertencimento territorial dentro do contexto etnográfico urbano, José Guilherme Magnani utiliza o conceito de “pedaço” para descrever as relações dos sujeitos com o espaço periférico e a particularidade da concepção da periferia como um lugar. Para ele, o pedaço é formado por dois elementos: “um de ordem espacial, físico, sobre o qual se estendia uma determinada rede de relações” (1992, p. 192-193).

Segundo Magnani (1992), passar ou frequentar um lugar, não significa, necessariamente, pertencer a ele. É preciso estar inserido na realidade e ter relações com as pessoas que pertencem àquele espaço, mesmo que sejam

desconhecidas. Pois ainda estão rodeadas das marcas cotidianas que compõem a periferia:

É aí que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. Para uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho, à precariedade dos equipamentos urbanos e a um cotidiano que não se caracteriza, precisamente, pela vigência dos direitos de cidadania, pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta, visível e estável - daí a importância do caráter territorial na definição da categoria. Pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os "bandidos" da vila, de alguma forma, acatam. (MAGNANI, 1992, p. 193)

Essas regras de lealdade apontam sinais de reconhecimento quando os sujeitos pertencentes ao segundo elemento caracterizador do pedaço (a rede de relações) se encontram em outros territórios que abrigam pessoas de diferentes origens, estilos de vida, etc. Os sinais estabelecem vínculos e tornam possível definir quem é e quem não é pertencente ao pedaço, mesmo que não haja intermédio de vínculos construídos no dia a dia do bairro. Ou seja, as pessoas se reconhecem ao decodificar, em determinados espaços, símbolos que apontam "gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes". (MAGNANI, 1992, p.195)

Dessa forma, o componente espacial do pedaço, ainda que seja, em parte, físico, não se limita somente a isso, porque carrega um aspecto simbólico. Quem mora na periferia e, especificamente no Benedito Bentes, quando entra em outros locais, principalmente os mais nobres, sabe o que significa "não ser do pedaço" e, por consequência, também sabe identificar quem pertence ao seu pedaço e como se comportar nele.

4.4 Registrar as memórias do pedaço por meio da fotografia

O lugar é constituído pelo acúmulo de tempos e histórias individuais e coletivas que, juntos à identidade e ao sentimento de pertencimento, criam memórias. A memória não desempenha apenas o papel de índice, mas exerce função elementar na manutenção das informações necessárias para restabelecer ou

preservar a identidade de um lugar. Ao serem lembradas, essas informações possibilitam a reorganização de pensamentos e viabilizam a formação de novas concepções. Para ter uma compreensão plena do presente, é necessário considerar o passado, visto que as experiências vividas anteriormente são essenciais para moldar a percepção do presente. Espacializar as lembranças é o que permite que as memórias sejam solidificadas e registradas para serem estudadas e analisadas (DIONISIO, 2011).

Tuan (apud AZEVEDO E OLANDA, 2018) afirma que a arte pode atuar como o meio revelador das experiências íntimas vinculadas aos lugares. As diversas formas de manifestações artísticas podem externalizar certas concepções sobre os lugares que, de outra forma, poderiam passar despercebidas, uma vez que se conectam de maneira subjetiva às experiências humanas com o lugar.

Completando esse pensamento, Sontag (2004) diz que, por ser um objeto que naturalmente causa deslumbramento, uma fotografia pode carregar diversos significados ao mesmo tempo. "A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: Aí está a superfície. Agora, imagine - ou, antes, sinta, intua - o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto" (SONTAG, 2004, p. 33). Dentro dessa composição, podemos considerar que a fotografia tem uma ligação profunda com o registro, a manutenção e a reformulação de memórias.

Tirar uma foto não é apenas o resultado do encontro entre o fotógrafo e um momento no tempo, fotografar é um evento por si próprio onde o nosso senso se articula pela intervenção da câmera para escolher eventos interessantes, que merecem ser registrados (SONTAG, 2004). Sontag defende ainda que a escolha de um objeto para ser fotografado é a demonstração do interesse pelas coisas como elas são. "É estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar" (Ibid, p. 23).

No contexto das memórias construídas através das relações de um lugar, este trabalho procura evidenciar, por meio da fotografia, o cotidiano, os afetos e, portanto, as memórias dos que fazem parte do pedaço do Benedito Bentes. De uma forma que, tanto quem pertence ao lugar, quanto quem apenas o vê pelo lado de fora, possa reconhecer os símbolos contidos nas fotografias registradas que caracterizam o cotidiano e as marcas deixadas por ele no Benedito Bentes. Mostrando assim, novas perspectivas de caracterização do bairro. De acordo com Tuan (1983, p. 21):

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém, sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora.

4.5 Expressão de significados na fotografia

Desde o surgimento da fotografia, algumas percepções sobre seu caráter fundamental são propostas. Philippe Dubois (1998) enxerga três posições defendidas por teóricos e críticos ao longo da história da fotografia. A primeira entende a fotografia como um espelho do real, onde o efeito da realidade obtido está ligado à sua natureza técnica, que permite fazer uma imagem automática e objetiva, sem que haja, necessariamente, interferência do autor. Ou seja, a imagem serve, segundo Dubois, apenas como um instrumento de memória documental do real.

As noções de similaridade e de realidade, de verdade e de autenticidade recobrem-se e sobrepõem-se bem exatamente segundo essa perspectiva: a foto é concebida como espelho do mundo, é um *icone* no sentido de Ch. S. Peirce. (DUBOIS, 1998, p. 53)

A segunda percepção avalia a fotografia como símbolo, de acordo com o conceito de Peirce. Dubois categoriza essa corrente como “o discurso do código e da desconstrução”. Nesse caso, o processo entre fotógrafo e objeto fotografado é levado em consideração, portanto, a interferência do artista e a maneira que ele escolhe registrar o objeto está presente no resultado final, que incorpora sua cultura e percepção. Conforme Dubois:

Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada. (DUBOIS, 1998, p.53)

A última e mais recente corrente aborda a fotografia como “o traço de um real”, onde, apesar de haver um resgate ao realismo mimético, não há mais uma obsessão com este aspecto. Para Dubois (1998), nessa posição, mesmo que exista consciência da interferência de todos os códigos utilizados pelo fotógrafo para a construção da imagem, há um sentimento de realidade ao qual não é possível escapar. Seja pela natureza do objeto ou pela autonomia do equipamento utilizado

para fotografar, existe um certo momento em que o artista não exerce controle total sobre a realidade. A fotografia, primeiramente, diz sobre a realização da existência de algo. “A foto em primeiro lugar é um índice, só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo).” (DUBOIS, 1998, p. 53)

É no contexto da última corrente que este projeto se encaixa: retratando a realidade de forma a exprimir os significados postos pelo fotógrafo e levar o espectador a reimaginar os cenários retratados. Para Barthes (1984, p.62), a fotografia carrega a fantasia do fotógrafo, e suas funções são: representar, informar, surpreender, dar sentido, dar vontade, permitindo que a imaginação do espectador flua através de suas fotos. Segundo ele, “no fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”.

Conforme Fernandes Junior (2003), a fotografia contemporânea é capaz de nos trazer novos significados sobre o mesmo objeto, tornando-se uma linguagem poderosa que não só mostra o registro das coisas, mas também faz com que o processo criativo amplie a perspectiva sobre o assunto. Ele explica:

Longe de ser o espelho social, que reflete apenas um paradigma de veracidade, ela amplia consideravelmente o processo criativo das artes visuais, proporcionando novos olhares, que desencadeiam novas direções cognitivas e artísticas, surpreendendo os historiadores, pesquisadores, curadores e críticos (FERNANDES JUNIOR, 2003, p.137).

5. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Na fase de pré-projeto, a proposta inicial era retratar os animais abandonados do Benedito Bentes por meio de um ensaio fotográfico, mas a pandemia de Covid 19 não permitiu que as saídas fotográficas pelas ruas fossem realizadas. Por conta de questões pessoais, precisei trancar a matrícula do curso e o projeto foi pausado. Posteriormente, percebi que a abordagem que havia escolhido para o tema anterior era pouco marcante.

O motivo é que havia profundidade insuficiente a ser retratada entre a relação dos animais com o bairro, visto que era possível obter praticamente a mesma conclusão caso o ensaio fosse realizado em bairros vizinhos, já que a dinâmica entre animais e periferia era a mesma. Isso também poderia trazer resultados repetitivos nas imagens, pois os animais exercem padrões de comportamento limitados em relação ao ambiente.

Além disso, também notei que estava diante de um tema muito mais complexo e interessante a ser desenvolvido: o próprio bairro em que cresci e vivi por 25 anos e que antes seria tratado apenas como coadjuvante. Nesta nova escolha de tema, mantive o formato do projeto mas, desta vez, o “Biu”, como é referido pelos moradores, seria o protagonista, assim como toda a multiplicidade das relações particulares a ele e que o constituem como lugar.

5.1 Pré-produção

A primeira atividade de produção deste projeto experimental foi o mapeamento de ruas, avenidas e locais do Benedito Bentes que pudessem melhor caracterizar o tema do ensaio. Considerando a imensidão do bairro, seria inviável retratá-lo por inteiro, por isso foram escolhidos apenas os espaços de maior familiaridade e interação cotidiana da autora.

Esse mapeamento teve como critério áreas mais movimentadas onde o fluxo de pessoas é constante e que sejam conhecidas por comportar diversos tipos de espaços onde as dinâmicas sociais e culturais acontecem em variadas formas: comércios, espaços de lazer, pontos de encontro e de referência, conjuntos residenciais, etc. Dessa maneira, fortalecendo a proposta do ensaio de retratar as

relações cotidianas dos moradores de modo que seja de fácil reconhecimento o lugar ao qual eles pertencem.

A partir desses fatores, surgiu o segundo critério de seleção: a segurança. Alguns locais, apesar de funcionarem muito bem para o propósito buscado, como o Mirante da Princesa — que, além de ser uma área responsável por grande parte da socialização dos habitantes da região, garante uma vista privilegiada para a Grotta homônima —, não seria prudente andar por lá com equipamentos fotográficos e smartphone para realizar as capturas.

Sendo assim, foi estabelecida uma lista de dez principais ruas, estradas e avenidas do bairro a serem exploradas nas saídas fotográficas, sendo elas: Av. Mestra Virgínia de Moraes; Av. Garça Torta; Av. Pratagy; Av. Norma Pimentel da Costa; Av. Cachoeira do Meirim; Av. Benedito Bentes; Av. Três; Estrada Duas Bocas; Rua Jussara; e Rua Cainha.

A pré-produção também envolveu a criação de um roteiro para as saídas fotográficas, priorizando a proximidade entre os locais e o momento do dia com as melhores condições de luz para capturar as imagens, bem como os dias da semana em que é mais comum encontrar moradores realizando diferentes tipos de atividades. Por exemplo, para capturar atividades de lazer, seriam priorizados os fins de semana, pois são nos dias de folga do trabalho que a população se reúne nas calçadas, nos campos de terra para jogar futebol, nos bares, etc. Seria considerado, também, justamente o oposto para registrar o movimento das feiras e estabelecimentos comerciais, que ficam abertos durante os dias de semana.

Durante novembro de 2023, no início do semestre letivo, foram realizadas as primeiras excursões de bicicleta por todos os pontos selecionados. Como as saídas tiveram como objetivo somente o reconhecimento inicial de potenciais objetos e tópicos a serem fotografados, não foi preciso levar nenhum equipamento. Essa análise permitiu descartar alguns locais que seriam priorizados nos endereços da lista como a Praça Padre Cícero — conhecida popularmente como Praça da Formiga —, localizada entre as ruas Cainha e Jussara. A praça conta com pistas de skate e bike, quadra de vôlei de areia, academia ao ar livre, e também é palco para várias manifestações culturais como aulas de capoeira, danças, etc., o que torna esse espaço um dos principais pontos de encontro e socialização do bairro, mas, por estar em reforma e totalmente coberto por tapumes, tornou-se inacessível de fotografar.

ruas Jussara e Cainha observando o movimento, as atividades e as trocas sociais efetuadas pela população local. Sem interferir, ponderei e escolhi os momentos que eram apropriados para serem capturados para o ensaio, até o pôr do sol.

O que antes parecia ter sido algo prejudicial, a decisão de trocar o equipamento em cima da hora também mostrou pontos positivos. Carregar um celular ao invés de uma câmera profissional atrai menos atenção e, portanto, torna as saídas menos arriscadas, como também causa menos estranhamento da população e olhares curiosos. Essa escolha permitiu mais tranquilidade para realizar o ensaio e, em vista disso, e por ter obtido resultados satisfatórios, decidi proceder o restante do processo de captação das imagens utilizando somente o smartphone.

O segundo dia de saída, 26, foi escolhido estrategicamente para registrar o “racha” de futebol que acontece entre os integrantes da Sociedade Esportiva e Comunitária do Conjunto João Sampaio II nas manhãs de domingo no 1º campo da Av. Mestra Virgínia de Moraes. Nesse dia, enquanto o racha não começava, registrei momentos ao longo de toda a avenida. Ao regressar, fui informada por um dos jogadores que a partida atrasaria algumas horas porque o árbitro teve problemas ao se dirigir ao local. Então decidi prosseguir até a Av. Garça Torta para capturar o movimento de alguns estabelecimentos comerciais que ficam abertos até o meio dia e retornar posteriormente para o campo.

Figura 2 - “Racha” no campo de terra



Fonte: Caroline Sabino (2023)

Já nos dias 2 e 3 de dezembro, cobri as avenidas Cachoeira do Meirim, Três e a Estrada Duas Bocas, focando em registrar as reuniões de calçada e outros momentos de lazer do fim de semana.

Durante o recesso de final/início de ano da Universidade Federal de Alagoas, decidi refazer, ao longo de dezembro e início de janeiro, os mesmos trajetos pelas localidades selecionadas para reanalisar os espaços e capturar novos acontecimentos que poderiam não ter sido evidenciados nas saídas anteriores. Porém, em um desses novos percursos, acabei por danificar a tela do meu smartphone em uma queda, de maneira que o dispositivo se tornou inutilizável para os propósitos deste projeto, pois não poderia ver nem editar as imagens com clareza. Passei, então, a utilizar o aparelho da minha mãe, um Redmi Note 12, para realizar o restante das fotografias e prosseguir com as atividades da pós-produção do ensaio.

5.3 Pós-produção

Após as saídas fotográficas, obtive um acervo de mais de 250 fotos. Esta etapa iniciou-se com a seleção e eliminação de fotos repetidas e trêmulas. Como as imagens foram feitas em dias, horários e condições meteorológicas distintos, mostrou-se necessária a realização de ajustes básicos de contraste, cor, brilho e nitidez para padronizá-las, ainda que continuassem diferentes pelos contextos em que foram capturadas. Também passaram por possíveis alinhamentos, recortes e reajustes de enquadramento, quando necessário, para melhor adequação ao meio escolhido para publicá-las.

O processo de edição começou ainda na fase de captação, quando as saídas em novembro e dezembro foram realizadas e retomadas novamente em janeiro, quando novas fotos foram anexadas ao conjunto. O processo de edição foi feito pelo smartphone por meio dos aplicativos VSCO e Adobe Lightroom, escolhidos por conta da familiaridade com as ferramentas oferecidas nos programas. A identidade visual partiu de uma decisão pessoal da autora, a partir do que era considerado ideal para transmitir a mensagem proposta no ensaio fotográfico. As imagens foram retratadas em cores quentes e fortes para destacar as sensações de calor, alegria e felicidade, empregando um aspecto mais vivo e convidativo para os cenários retratados.

Figura 3 - Foto da Feirinha do Benedito Bentes antes da edição



Fonte: Caroline Sabino (2023)

Figura 4 - Foto da Feirinha do Benedito Bentes após edição



Fonte: A beleza escondida: um olhar atento ao bairro do Benedito Bentes, 2024. / Autoria: Caroline Sabino.

Finalizado o processo de edição do material, a seleção final resultou em 24 fotos. Inicialmente, o plano era publicar as imagens em um perfil no Instagram. A plataforma foi considerada pela possibilidade de atingir um público fora do ambiente acadêmico, mas, após reflexão, percebi que, por conta das dinâmicas de funcionamento da rede, um perfil novo e recém criado não seria facilmente encontrado pelos usuários sem uma grande divulgação e, provavelmente, atingiria apenas um público bem pequeno. Em reunião de orientação, foi recomendada a diagramação do ensaio em fotolivro, o que permitiria carregar mais detalhes e permitiria explicar melhor a mensagem do ensaio. Então, decidi seguir apenas por esse caminho.

A organização das imagens no fotolivro teve como propósito expressar momentos específicos do cotidiano que carregam sentimentos e transformam o espaço do Benedito Bentes em um lugar através das memórias. Ao longo do material, são ilustrados diversos fatores do convívio no bairro que exponencializam esses significados, trazendo a fotografia como uma forma de eternizar o momentos que se apagam com o tempo, mas que são essenciais para a construção da nossa identidade. Tal representação também é demonstrada através do trecho da letra de "efêmera", de Tulipa Ruiz, presente no fotolivro.

Para confeccionar o projeto gráfico, foram utilizados os programas de edição Adobe Photoshop e Adobe Illustrator, em um notebook pessoal. Na identidade visual do material, as cores azul e turquesa foram selecionadas para contrastar com as cores fortes e quentes das fotografias. Porque, juntas, representam a cor do céu que abrange o mundo, o planeta, o todo, as águas, a calma, a tranquilidade e a sobriedade, a cor do divino, do que deve durar pra sempre, assim como as memórias registradas. Além de serem cores análogas e, por isso, apresentarem harmonia quando dispostas em conjunto. Os elementos gráficos distribuídos ao longo do fotolivro simbolizam caminhos e rotas percorridas no dia a dia dos moradores, o ir e vir das relações, como também podem remeter a ideia de mapas topográficos, representando o espaço e a demarcação territorial do bairro. Enquanto a escolha de fontes sóbrias e cursivas na composição visual do fotolivro busca transmitir a fusão entre o contexto dos elementos da paisagem urbana e o aspecto emocional intrínseco à narrativa do ensaio.

Figura 5 - Captura de tela do processo de diagramação do fotolivro no Adobe Illustrator



Fonte: Caroline Sabino (2023)

5.4 Cronograma de produção

ATIVIDADES	MESES				
	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
Pesquisa bibliográfica	X	X			
Captura das fotografias	X	X	X		
Organização e análise dos materiais coletados		X	X		
Elaboração do relatório		X	X	X	
Elaboração do fotolivro				X	
Redação final do texto				X	X
Entrega definitiva					X
Defesa do TCC					X

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se aqui compreender o sentimento de pertencimento ao bairro do Benedito Bentes baseando-se nos registros do cotidiano dos moradores e na relação que estes possuem com outros indivíduos e com o local. Isso proporcionou a percepção de como o mesmo lugar pode ser concebido de diversas maneiras, carregando significados diferentes de acordo com o objeto fotografado e o receptor da imagem, sendo este último pertencente ao “pedaço” ou não.

O cotidiano abarca realidades com possibilidades suaves ou penosas, mas é o que nos constitui enquanto indivíduos e é através dos laçeres, afetos e prazeres da vida diária da periferia que extraímos motivos para continuar. Quando reconhecemos que o vínculo da população ao espaço é gerado através dos valores sentimentais e afetivos empregados a ele por meio das memórias, reconhecemos também a importância da fotografia como fator de divulgação e permanência da história de um lugar. A fotografia torna-se um meio de propagação da sua cultura, reafirmando a existência do lugar, pois as imagens captadas transformam momentos corriqueiros em eventos permanentes.

Concretizar este trabalho enquanto moradora e pertencente ao pedaço registrado, proporcionou uma compreensão mais próxima e empática com o projeto e os objetos fotografados, ao mesmo tempo em que permitiu enxergá-lo por novas perspectivas. Destacar, propositalmente, os traços positivos do local onde vivo me permitiu atribuir novos significados e potencializar minhas próprias memórias e sentido de existência.

Este trabalho traz contribuições aos campos da espacialidade, fotografia e memória, mostrando como esses conversam entre si e estão, de certa forma, interligados. Também faz da documentação fotográfica um ato político, capaz de transformar memórias em sonhos, que podem ser resgatados sempre que forem lembrados. E, portanto, podem servir de palco para transformação e mudança.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. O.; OLANDA, E. R. **O ensino do lugar**: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 136-156, dez. 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CINARA, Gilca. Benedito Bentes: uma "cidade" que amarga índices alarmantes. **Cada Minuto**, Maceió, 04 de out. de 2013. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2013/10/04/benedito-bentes-uma-cidade-que-amarga-indices-alarmanetes>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

DIONISIO, Pamela Marcia Ferreira. **A construção do sentimento topofílico**: o enfoque sobre o sub-bairro de Amovila (Vista-Alegre). Rio de Janeiro. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, Costa Rica, jul./dez. 2011, p. 1-15.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**; tradução Marina Appenzeller. - Campinas, SP: Papirus, 2ª ed., 1998.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. **Labirinto e identidades**: panorama da fotografia no Brasil: [1946-98]. São Paulo: Cosac & Naify: 2003.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Repensando o lugar na Geografia**: espaços-tempos cotidianos de conhecimentos e práticas sociais. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 32, n. 3, p. 521-537, set./dez. 2007.

GOMES, Cilene. **Espaço, Localização e Lugar na teoria de Milton Santos**. Terr@Plural, Ponta Grossa, v.14, p. 1-7, 2020.

LIMA, T. C.; SANTOS, J. S. **O elo entre a pessoa e o lugar**: A afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, município de Gonçalves Dias - MA. Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.2, n. 1, p. 274-291, jan./jun. 2020.

MAGNANI, J.G.C. **Da periferia ao centro**: pedaços & trajetos. Revista de Antropologia, São Paulo, 1992, v. 35, p. 191-203.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido / Espaço pensado**: o lugar e o caminho. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PALMA, Daniela. **O cotidiano, a quebrada e o sonho**: A resistência pelo olhar na ação de um fotocoletivo. Trab. Ling. Aplic., Campinas, nº 59.3, p. 1862-1883, set./dez. 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Fundação Ulysses Guimarães, Porto Alegre, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3).

SMITH, Ian Haydn. **Breve história da fotografia**: um guia de bolso dos principais gêneros, obras, temas e técnicas. Tradução Edson Furmankiewicz. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.